



# NEGÓCIO COMO MISSÕES

**é algo maior do que  
você imagina**

**Mats Tunehag**

[www.MatsTunehag.com](http://www.MatsTunehag.com)

## Índice

Comunidade mulçumana é transformada através de oração.	03
Negócios como missão	04
Três mandatos Bíblicos	05
Pode-se misturar Deus e Negócios	06
Capitalismo agradável a Deus	07
Piedosa criação de riquezas	08
Uma mulher de negócios no Oriente Médio como exemplo	08
Caçada de Alces e Negócios como Missões	09
De uma bem sucedida plantação de Igreja a genocídio	09
BAM e o desafio diante de nós	10
A necessidade de 1,8 bilhões de empregos	10
Tráfico humano	12
Pense além do micro	13
A BAM é maior do você pensa	15
Notas	19



## Comunidade mulçumana é transformada através de oração. Cristãos envolvidos com negócios e corujas.

Era um dia quente e úmido em julho de 2012. Alguns podem até dizer que estava quente demais para um suco. Porém, a história a seguir é mais do que refrescante. Eu ouvi o prefeito de uma pequena vila mulçumana falando. Nós sentamos do lado de fora da sua casa, tomamos chá, beliscamos algumas frutas, amêndoas e alguns doces. Ele era entusiasmado e sereno.

Como um devoto mulçumano ele se surpreendeu em se interessar tanto por negócios que pertenciam a cristãos. Há uma longa e, por vezes, violenta história de severa tensão e desconfiança entre mulçumanos e cristãos na Indonésia.

O vilarejo era muito pobre. Além de espalharem várias doenças, os ratos comiam 40% da colheita anual. A colaboração para a irrigação não existia. Existia uma falta de espírito empreendedor e, aparentemente, ninguém pensava em orar por uma mudança.

Porém, alguns bons amigos e colegas meus visitaram o prefeito e sua comunidade. Eles eram homens de negócios cristãos, que queriam ajudar e construir pontes entre a divisão religiosa. Na primeira vez, o prefeito recusou a proposta.

Por que, não de organizações de caridade ou pessoas do governo, mas empresários vieram? E além disso, essas pessoas eram cristãs - não mulçumanas. Uma empresária sugeriu que eles poderiam pelo menos orar. Ela disse que orações podem fazer a diferença; sim, Deus pode gerar mudanças. Houve um acordo. Algo aconteceu e tornou-se um ponto decisivo. O prefeito os convidou para voltar e eles o fizeram.

O prefeito me viu suando e ele gentilmente ligou o ventilador e o virou para mim. Entretanto, ele não podia parar de contar a história, uma história de transformação. O time de empresários cristãos pesquisaram e exploraram alternativas para matar os ratos de forma sustentável e preservando o meio ambiente. Eles também buscaram formas de aumentar a produção agrícola e começar empresas rentáveis. Eles encontraram uma coruja, muito rara, chamada *Tyto alba* (Coruja das torres) que comia os ratos. Alguns os disseram que era impossível. Porém eles oraram, trabalharam e funcionou. Eu podia ver casas de passáros em todas as lavouras. A perda da safra caiu de 40 para 2% no ano. Por meio de novos poços e irrigação a produção anual duplicou.

Eu perguntei ao prefeito por que eles não cavaram novos poços e desenvolveram um sistema de irrigação antes que esse grupo de empresários veio. Ele disse que os cristãos mudaram a concepção da sua comunidade sobre trabalho e trabalhar em conjunto, e pela primeira vez os ensinaram a importância da oração. “Agora nós estamos abertos para mudar e estamos tomando atitudes sobre isso. Porém, nós sempre permanecemos em oração”, disse ele.

Eles também ajudaram a começar uma pequena empresa de manufatura, marketing, vendas e infraestrutura local. Esse pequeno vilarejo com 2320 pessoas se tornou um modelo para todas as outras comunidades na Indonésia. A televisão nacional a retratou como um exemplo para a construção de pontes entre mulçumanos e cristãos, desenvolvendo ainda negócios transformadores. Hoje essa comunidade é um centro de ensino sobre como criar corujas que alimentam-se de ratos.

Eu ouvi diversos testemunhos sobre o quanto orações concretas levaram a respostas concretas. Sejam sobre chuva, uma estrada pavimentada, uma vaga de emprego, uma moto e assim em diante. Assim que deixamos o vilarejo me senti encorajado e privilegiado.

Eu presenciei uma significativa transformação econômica, social, ambiental e espiritual. Os fatores-chaves que contribuíram foram: orações, empresários cristãos e corujas. Alguns podem dizer que essa foi uma expressão de negócios como ação missiológica.

## Negócios como missões

Christopher Columbus descobriu a América? Não exatamente. Os vikings o fizeram centenas de anos antes. Sendo assim alguns dizem que Columbus redescobriu a América. Negócios como missões não é uma nova descoberta - é um redescobrimento de verdades e práticas bíblicas. De certa forma é como a Reforma e seu lema: *ad fontes* - de volta às fontes.

Negócios como missões, **BAM (Business as Missions)**, é um termo muito usado hoje. É um termo novo, mas o conceito não o é. Durante a Reforma, verdades antigas foram destacadas e afirmações contemporâneas foram desafiadas.

Estamos revisitando as Escrituras, questionando jargões e tradições, e avaliando a situação em que o mundo se encontra.

Estamos também revisitando a história geral e trazendo a luz fatos sobre cristãos que foram instrumentos na transformação social, engajando-se em seus negócios. Aqui temos um exemplo da Noruega:

Hans Nielsen Hauge nasceu no final da década de 1700 em uma sociedade pobre e rural da Noruega. Não havia democracia e liberdade religiosa era limitada. Quando Hauge tinha 25 anos ele teve um encontro com Deus.

O lema da vida de Hauge se tornou: Amar a Deus e ao próximo. Ele viajou intensivamente por seu país e fez o que, na terminologia atual, chamaríamos de plantação de igrejas e negócios como missões.

Ele começou 30 empresas, incluindo diversos tipos de indústrias. Ele é um empreendedor e catalizador. Muitos outros foram inspirados a ler a Bíblia, se reunir com outros crentes para orar e ter comunhão e vários negócios começaram e foram desenvolvidos.

Atualmente até historiadores do meio secular reconhecem o legado e contribuição de Hauge para o desenvolvimento da moderna Noruega. Algumas vezes ele é chamado de "O pai da democracia na Noruega".

Ele facilitou a igualdade entre homens e mulheres, seu trabalho levou à um avivamento espiritual e um movimento empreendedor. O legado de Hauge é de uma transformação espiritual, econômica e social. A sua vida e seu trabalho ilustra alguns dos objetivos, princípios e métodos do BAM.

## Três Mandatos Bíblicos

Muitos evangélicos geralmente colocam muita ênfase na Grande Comissão, mas algumas vezes o que fazem é uma grande omissão. Este é apenas um dos três mandatos que temos.

O primeiro que Deus nos deu é o **mandato da criação**, encontrado em Gênesis 1-3: devemos ser criativos e criar coisas boas, para nós mesmos e para os outros, ser bons mordomos de tudo aquilo que nos foi confiado - até mesmo na área física. Isso, é claro, inclui ser criativo nos negócios - para criar riqueza. A criação de riqueza é um talento divino: “Mas, lembrem-se do SENHOR, o seu Deus, pois é ele que lhes dá a capacidade de produzir riqueza” (Deuteronômio 8, 18). Como cristãos nós geralmente focamos mais na distribuição de riqueza, mas não há nenhuma riqueza à ser ditribuida sem que ela tenha sido criada.

O segundo mandato é o **grande mandamento**, o qual inclui amar o seu próximo. Isso nos dá base para o que, economistas modernos iriamos chamar, Responsabilidade Social Corporativa (Corporate Social Responsibility - CSR). Refere-se à criação de riquezas e produzir serviços e produtos considerando o “seu próximo”. CSR reconhece a importância de servir à população por meio de negócios - não somente os proprietários, mas também aos funcionários, fornecedores, clientes, comunidade e ao meio ambiente. CSR inclui três aspectos, percebendo o impacto que as empresas tem economicamente, socialmente e ambientalmente para todos os participantes.

**BAM** também reconhece a importância desses três aspectos como a base para os mandatos que Ele nos deu, de ser criativos e servir as pessoas. Entretanto, BAM vai além disso, criando CSR+, incluímos o terceiro mandato - **a Grande Comissão**. Nós existimos para glorificar a Deus e fazer Cristo conhecido entre todos os povos. Esse é o quarto aspecto. Integrando a Grande Comissão em nossos objetivos nos negócios, desenvolvemos uma perspectiva global e missiológica. BAM é CSR+, onde o + também pode ser visto como uma cruz- submentendo assim tudo ao senhorio de Cristo.

Precisamos *redescobrir* nossos três mandatos bíblicos e revisar suas implicações na igreja, negócios e nossa missão global. Porém, é claro que existem muitos outros aspectos e questões.

Durante esse processo necessário de redescobrimento precisamos nos perguntar:

- *Por que, aparentemente, nós valorizamos o chamado para ser pastor e missionário como estando acima do chamado para ser um empresário ou executivo?*

- *Por que tendemos a focar em mecanismos sem fins lucrativos para aliviar a pobreza, enquanto negócios que lucram são mecanismos naturais e bíblicos para criar riqueza?*

- *Por que tendemos a valorizar mais a distribuição de riqueza e, geralmente, negligenciar a produção de riqueza?*

- *Por que tendemos a limitar a contribuição de homens de negócios cristãos à doação de recursos para os ministérios e programações?*

- *Por que geralmente nos ajustamos em fazer bons negócios - abrangendo os três aspectos - esquecendo do quarto: glorificar a Deus e fazer Cristo conhecido entre todos os povos em meio nossos negócios.*

- *Por que apenas alguns seminários e institutos bíblicos oferecem cursos de teologia do trabalho e negócios?*

## Pode-se misturar Deus e negócios?

Se negócios fosse somente a maximização do capital, seria aceitável se envolver em tráfico de pessoas, no qual corre-se um risco relativamente pequeno (poucos traficantes são presos e sentenciados) e tem-se uma margem de lucro relativamente alta. Se a criação de trabalho tivesse um único propósito empreendedor, poderia-se ser feito pela máfia.

Negócios deveriam servir diversos grupos por meio dos seus produtos, serviços, relacionamentos e conduta: empregados, proprietários, fornecedores, clientes, família, comunidades e entre outros.

Negócios deveriam buscar ter um impacto positivo em indivíduos e sociedades, não somente no aspecto econômico, mas também social e ambiental.

Negócios deveriam abraçar uma ética bíblica e aprovada por Deus para formar todos os aspectos da sua empresa. Bons valores corporativos ajudará também a construir sociedades saudáveis.

Negócios precisam produzir uma renda para sobreviver, mas deveriam também buscar além disso. O Papa João Paulo II escreveu: “O propósito de firmas empresariais não é simplesmente lucrar, mas encontrar na sua existência uma comunidade de pessoas que, em diversas formas, tem suas necessidades básicas supridas, e que forma um grupo particular à serviço da sociedade como um todo. ”

Isso foi compreendido até mesmo por David Rockefeller, supostamente chamado capitalista:

“O antigo conceito que o proprietário de uma empresa tem o direito de usar sua propriedade para maximizar sua renda como ele desejasse, desenvolveu-se na crença que a posse carrega certas obrigações sociais. Atualmente o gerente serve como administradores, não só para os donos, mas para os funcionários e, certamente, para toda a sociedade. ”

João Paulo II diz que a igreja “reconhece a função fundamental e positiva nos negócios, no mercado, na propriedade privada e na consequente responsabilidade em produzir, assim como na liberdade criativa no setor econômico”. Entretanto, ele acrescenta que também é necessário um sistema judicial severo, que esteja de acordo eticamente e religiosamente.

Contudo, podem empresas éticas sobreviver na difícil realidade do mercado global? Pode uma empresa ter valores cristãos e ser rentável ao mesmo tempo? Sim, e aqui temos um exemplo.

A *R. W. Beckett Corporation*, fundada em 1937, é agora a terceira empresa de família, passada por gerações, que “empenha-se em aplicar uma filosofia com base bíblica durante cada fase de funcionamento”.

Sua missão é: Por meio da graça de Deus nós cresceremos, incansavelmente vamos progredir e apaixonadamente servir nossos clientes e companheiros de trabalho.

Abaixo é listado alguns dos valores que guiam a empresa:

- *Nossa intenção é ser uma empresa centrada em Cristo;*
- *Nós nos portaremos com dignidade, aderindo a mais alta ética e padrões morais;*
- *Nós desejamos ser conhecidos com honráveis, confiáveis e dignos, sempre querendo dar um passo a mais por aquilo que acreditamos;*
  
- *Lucro é sempre importante e necessário, mas nunca às custas de negócios que julgamos ser bons e à longo prazo;*
- *Queremos ser bons “cidadãos corporativos” - ativos em servir os outros, ajudando a suprir as necessidades humanas na comunidade e além;*
- *Compreendemos que não somos nosso próprio fim, mas uma parte de um propósito maior de Deus.*

*Sendo assim, somos chamados a trabalhar “como se fosse para Ele”, ver nossa empresa como algo que nos foi confiado e sermos sábios e aptos mordomos daquilo que Ele nos confiou.*

Então, é possível ter valores cristãos e ser rentável ao mesmo tempo? Sim! Beckett tem mais de 75 anos de experiência.

## **Capitalismo agradável a Deus**

Alguns de nós crescemos durante a Guerra Fria e na Suécia a linha divisória era geralmente descrita como os dois sistemas econômicos. Porém, na verdade, a linha que dividia não eram os direitos civis e liberdade, mas a dignidade civil. O comando planejado centralizador da economia em países comunistas era desastroso para as pessoas, sociedades e meio ambiente. Entretanto, isso significa que o capitalismo é a resposta?

O Papa João Paulo II falou sobre esse assunto:

“Pode, eventualmente, ser dito que, depois do fracasso do comunismo, o capitalismo é o sistema social vitorioso, e que o capitalismo deveria ser o objetivo daqueles países que enforçam-se para reconstruir suas economias e sociedades? É esse o modelo que deve ser proposto aos países de terceiro mundo que estão buscando pelo caminho para o verdadeiro progresso econômico e civil? ”

A resposta é obviamente complexa. Se “capitalismo” é entendido como um sistema econômico que reconhece a função fundamental e positiva nos negócios, no mercado, na propriedade privada e na conseqüente responsabilidade em produzir, assim como na liberdade criativa no setor econômico, então a resposta é afirmativa, ainda que seria mais apropriado falar de “economia das empresas”, “economia do mercado” ou simplesmente “economia livre”.

Porém, se “capitalismo” é entendido como um sistema na qual liberdade no setor econômico não é circunscrito a um rígido sistema judicial à serviço da liberdade humana em sua totalidade, vendo o como um aspecto particular dessa liberdade sua regimentação ética e religiosa, então a resposta é certamente negativa.<sup>1</sup>

## **Piedosa criação de riqueza**

Processos políticos e legislação geralmente determinam o sistema para relações econômicas e o desenvolvimento de negócios. Nós podemos, é claro, nos incomodarmos com algumas políticas de alguns políticos, mas nunca é de mais notar que o ex Primeira Ministra do Reino Unido, Margaret Thatcher endereçou essas questões em um discurso para o Assembléia Geral da Igreja da Escócia em 21 de maio de 1988.

Abaixo estão alguns trechos:

“O Velho Testamento cita em Êxodo, onde os Dez Mandamentos são dados à Moisés, a ordem em Levíticos é amar o próximo como a nós mesmos e geralmente a importância de observar um estrito código de lei.

O Novo Testamento é um registro da encarnação, os ensinamentos de Cristo e o estabelecimento do Reino de Deus. Novamente temos a ênfase em amar o próximo como a nós mesmos e “fazer aos outros aquilo que você gostaria que fosse feito a você”.

Acredito que unindo os elementos chave do Velho e Novo Testamento, nós ganhamos: uma visão do Universo, uma atitude adequada sobre trabalho e princípios que moldam a vida social e econômica. É nos dito que precisamos trabalhar e usar nossos talentos para criar riqueza. “Se um homem não trabalhar, ele não comerá”, escreveu o Apóstolo Paulo aos tessalonicenses. Certamente, abundância ao invés de pobreza tem uma legitimidade que deriva da natureza da criação.

Entretanto, o décimo mandamento, - “Não cobiçarás” - reconhece que ganhar dinheiro e ter coisas pode ser uma atividade egoísta. Porém não é a produção de riqueza que é errada, mas o amor ao dinheiro em si próprio. A dimensão espiritual vem em decidir o que é será feito com a riqueza.

Como poderíamos responder aos diversos chamados por socorro, investir no futuro ou sustentar os maravilhosos artistas e artesãos, cujo trabalho também glorifica a Deus, a menos que primeiro tenhamos trabalhado e usado nossos talentos para criar a riqueza necessária? ”

## **Uma mulher de negócios do Oriente Médio como exemplo**

João Paulo II e Margaret Thatcher fizeram observações valiosas, mas o conceito e prática de negócios como missões é muito mais antigo. A Bíblia retrata uma mulher de negócios como um exemplo aprovado por Deus de como servir os outros e suprir várias necessidades. Vamos rapidamente olhar alguns versículos de Provérbios, capítulo 31 e traduzir para a linguagem moderna empreendedora:



<i>Provérbios 31</i>	<i>O que isso significa?</i>
16 Ela avalia um campo e o compra Com o que ganha planta uma vinha	Ela faz uma avaliação do mercado e investe Ela lucra e reinveste
18 Administra bem o seu comércio lucrativo	Ela mantém registros e maneja o fluxo de dinheiro
24 Ela faz vestes de linho e as vende E fornece cintos aos comerciantes	Ela é envolvida em manufatura e varejo Ela organizou um sistema de fornecimento
20 Acolhe os necessitados e estende as mãos aos pobres	Ela usa parte da sua renda para caridade
15 Ela se levanta, prepara comida para todos os de casa	Ela é o ganha pão“ da família
E dá tarefas às suas servas	Ela gera emprego
Que ela receba a recompensa merecida, e as suas obras sejam elogiadas à porta da cidade	Seu trabalho deve ser reconhecido e certamente comentado

## Caçada de alces e Negócios como missões

9 milhões de pessoas moram na Suécia. Aproximadamente 300.000 de suecos caçam todo ano e acertam 100.000 alces. Caçadores de alces precisam saber como um alce é. Se eles não sabem, você certamente não vai querer estar por perto na temporada de caça. Seu sucesso depende de conhecer o seu alvo. Só é possível ter sucesso - ou fracassar - quando relaciona-se com o alvo, define um propósito e objetivos específicos.

O mesmo se aplica à negócios como missões, BAM. Nós só podemos determinar sucesso ou fracasso baseados no nosso propósito.

Qual é então o propósito do BAM? A palavra chave é transformação.

## De uma bem sucedida plantação de igreja à genocídio

Em apenas 100 anos, esse país foi de “não alcançado” para “igrejado”, com aproximadamente 90% da população indo à igreja como membros. É o sucesso ultimate na história de missões cristã - se o critério de sucesso é a plantação e crescimento de igrejas.

Em somente 100 dias, aproximadamente um milhão de cidadãos (e membros de igrejas) foram assassinados - por outros cidadãos e membros de igrejas - em um brutal genocídio na primavera de 1994. O país? Ruanda. Houve um tremendo sucesso em evangelismo e plantação de igrejas, mas pouca penetração do evangelho nos relacionamento étnico - haviam pessoas na igreja, mas não igreja nas pessoas.

Como definimos tem implicações a curto e longo prazo. Plantação e crescimento de igrejas não é errada, mas claramente insuficiente como um critério medidor de sucesso.

À medida que olhamos para sub-Sahara, na África hoje, identificamos um dos países mais nominalmente cristão do mundo (percentagem de cristãos), um dos países mais pobres do mundo e um dos países mais corruptos do mundo. O que há de errado com essa imagem? Isso é sucesso? Isso está de acordo com a nossa missão como cristãos? É isso que Deus quer?

Nossa missão e critério de sucesso deve incluir transformação. Nós queremos que pessoas e sociedades sejam transformadas - completamente. O movimento global, Negócios como Missões (BAM) deseja *vidas transformadas ao redor do mundo por meio de negócios éticos feitos com integridade*. Isso soa majestoso, mas o qual o real significado?

**Transformação:** uma boa e duradoura chance. Isso leva tempo, precisamos ter uma perspectiva inter-geracional. BAM é uma prática intencional de fé no trabalho em todos os relacionamentos e os empreendimentos. BAM é a prática de negócios baseado em princípios éticos; é seguir Jesus no mercado de trabalho para ver pessoas e sociedades transformadas.

Também precisamos das prioridade para pequenas e médias empresas (Small and Medium Size Businesses - SME's). Elas são fortes agentes transformacionais - não somente econômicos. Elas são, em diversas formas, a espinha dorsal do desenvolvimento de economias. Em países e regiões pobres, SME's geralmente estão, em uma grande extensão, em falta.

**Vidas:** Nós somos pessoas com necessidades físicas, sociais, espirituais, emocionais, econômicas e entre outras, operando em um contexto político e cultural. Sendo assim, transformação precisa ocorrer como um todo - para pessoas e sociedades. Isso é também o que a palavra integridade significa - algo inteiro e completo. Nossa missão é, e precisa ser, mais do que evangelismo e plantação de igrejas - não queremos criar outra Ruanda!

**Ao redor do mundo:** O movimento BAM nunca poderá ser real para Deus e para nossa missão se nos limitarmos à uma visão local. Precisamos ser parte da força centrífuga de Deus, nos movendo para fora e além da nossa zona de conforto. Para todos os povos e nações.

## **BAM e o desafio diante de nós**

Um foco do movimento global BAM é o mundo Árabe e a Ásia. Por quê?  
Há uma concentração de muitas necessidades nessas regiões.

- a) *O nome de Jesus é raramente ouvido nos mundos Muçulmano, Hindu e Budista.*
- b) *É lá que você encontra cerca de 80% da população mais pobre*
- c) *O desemprego e o sub-emprego em muitos desses países varia de 30% a 80%*
- d) *Essas nações também possuem o maior crescimento populacional, onde centenas de milhões de jovens vêm para o mercado de trabalho em busca de empregos*
- e) *Essas são também áreas constantes de alto risco para tráfico e prostituição. O desemprego torna as pessoas vulneráveis.*

Nós iremos observar mais de perto esses dois pontos: desemprego e tráfico humano.

## **A necessidade de 1.8 bilhões de empregos**

Existe um déficit global de cerca de 1.8 bilhões de bons empregos formais, de acordo com Jim Clifton, CEO da Gallup. Isso é quase um quarto da população mundial.

Muitas pessoas vivem e trabalham em um inseguro setor de trabalho informal, que é frequentemente preenchido com atividades de sobrevivência na forma de empresas de subsistência. A maioria das pessoas almeja um emprego formal, mas muitos têm pouca ou nenhuma expectativa de encontrarem um. E o problema tem aumentado.

50 milhões de novos empregos precisam ser criados somente no mundo Árabe até 2020 e não há sequer uma indicação que isso irá ocorrer. De acordo com *O Economista*, as taxas de desemprego são de 24% no Egito, 27% na Jordânia, 30% na Tunísia, 39% na Arábia Saudita e 46% em Gaza.

44 milhões de pessoas no chamado mundo rico estão desempregadas e outras 11 milhões estão sub-empregadas. O custo humano é enorme, porque com a falta de emprego aumenta-se a depressão, o divórcio, abuso de substâncias, etc. O desafio é imenso e global. O que deve ser feito?

*Esmolas* não dão dignidade - empregos sim. Para ilustrar: Em Maio de 2012 eu conheci um soldado veterano em Cambodia; um campo minado arrancou seu braço e matou seu amigo, e ele também perdeu todos os familiares na guerra. Ele me disse: “Depois da guerra a igreja se tornou minha família, e o emprego me trouxe dignidade.” Recomendo a carta encíclica de João Paulo II, que trata de trabalho e dignidade humana.

*Ajuda humanitária* pode amenizar os problemas temporariamente mas não pode criar 1.8 bilhões de novos empregos. Nós sabemos, por exemplo, que a ajuda humanitária não reergueu a África da pobreza, como a economista Dambisa Moyo tem demonstrado claramente no seu livro *Dead Aid*.

*Programas de micro-empréstimo* podem ajudar, mas tendem a construir uma economia informal e assim correr o risco de cimentar povos e nações na pobreza. Mais de 80% dos empregos Africanos são criados por pequenas e médias empresas, de acordo com as pesquisas do Banco Mundial, e essas empresas são negligenciadas por agências de ajuda humanitária tradicionais.

Jim Clifton escreve: “As demandas de liderança têm mudado. Os níveis mais altos de liderança requerem o domínio de uma nova tarefa: a criação de empregos.”

Mas, como temos enfatizado mais e mais nos negócios globais como movimento missionário: nós não queremos simplesmente quaisquer tipos de empregos. A Mafia também cria empregos. Os traficantes colocam as pessoas para trabalhar na indústria do sexo. Não, nós queremos criar empregos com dignidade que acrescentem valor à vida, que tragam transformação boa e holística para pessoas e sociedades.

Para esse fim nós precisamos de inovadores, empreendedores e mentores. Um estudo referido no *Economista* (10 de setembro de 2011) “mostra que entre 1980 e 2005 todas as novas redes de emprego do setor privado na América foram criadas por companhias com menos de cinco anos de existência.”

Como foi relatado no manifesto *Negócios em Missões*, da monografia de Lausanne no BAM de 2004: - “Nós conclamamos a igreja em todo o mundo a identificar, afirmar, orar por, comissionar e liberar pessoas de negócios e empreendedores para exercitar seus dons e chamado como pessoas de negócios no mundo - entre todos os povos e até os confins da terra.

Nós conclamamos pessoas de negócios globalmente para receber essa confirmação e considerar como seus dons e experiência poderiam ser usados para ajudar a suprir as necessidades físicas e espirituais mais prementes por meio de Negócios em Missões.”

## Tráfico Humano

Pode-se fazer duas observações sobre o grande crime organizado: Primeiramente, é grande. Em segundo lugar, é organizado.

O Tráfico Humano, uma escravidão nos tempos modernos, é o segundo maior crime organizado do mundo. Vale bilhões de dólares e envolve operações transnacionais muito sofisticadas.

Algumas estimativas indicam que cerca de 27 milhões de pessoas já foram enganadas, levadas, jogadas em trabalhos do tipo escravo e mantidas contra sua vontade. Isso está acontecendo em todo o mundo. É um grande negócio. É organizado.

As operações de tráfico envolvem todos os tipos de profissões e habilidades e são muito interconectados; pense nisso como uma empresa multi-nacional com todos os níveis, de zeladores a CEOs que voam alto.

Infelizmente, iniciativas anti-tráfico humano podem, em comparação, ser rotuladas como pequenas e desorganizadas. Para tratarmos e combater adequadamente o tráfico humano, precisamos adquirir uma magnitude significativa (tornar-se grande) e formar alianças estratégicas (tornar-se organizado).

Eu vejo dois grandes desafios para as iniciativas anti-tráfico. Um problema é que existem basicamente duas categorias de pessoas e grupos que estão envolvidos: Primeiramente, legisladores, diplomatas, e agências do governo. Em segundo lugar, ONGs, organizações sem fins lucrativos e voluntárias. Essas pessoas e grupos são bons e necessários. Eles não são o problema. O problema são pessoas e grupos que *não* estão envolvidos ou nem foram convidados a combater esse mal.

Nós sabemos que o **desemprego** torna as pessoas vulneráveis aos traficantes. Um fato também é que não podemos falar sobre restauração de vítimas do tráfico humano a não ser que possamos oferecê-los empregos com dignidade. Portanto, uma prevenção e restauração adequadas devem incluir a criação de emprego. Isso significa que pessoas de negócios devem ser parte de uma rede anti-tráfico à medida que procuramos nos tornar maiores e organizados.

O segundo problema é **desconectividade**. Medidas locais e nacionais de desconexão anti-tráfico não são suficientes para combater o grande, crime organizado, para iniciar passos preventivos e para planejar e efetivar resgate e restauração das vítimas dessas gangues criminosas.

Em síntese: nós precisamos envolver mais profissões e talentos e nós precisamos formar uma aliança estratégica internacional. Isso seria um sonho surreal? Não!

Deixe-me brevemente citar duas iniciativas significativas, uma regional e outra global. A *Rede European Freedom*, EFN, facilita o compartilhar de informações, a coordenação e a cooperação entre os mais de cem parceiros em mais de 30 países. Eles estão

trabalhando juntos para prevenir o tráfico humano e prover processos restaurativos para suas vítimas. A EFN constitui um passo importante na direção certa para se desenvolver uma magnitude significativa e tornar-se organizado transnacionalmente.

O grupo de reflexão global no BAM tem um grupo de trabalho que lida com essas questões, e pró-ativamente convida pessoas de negócios a ser parte da solução.

## **Pense além do micro**

Por que Bangladesh é pobre e Taiwan é rica? Essa pergunta nitidamente provocativa destina-se a nos ajudar focar em duas perguntas importantes: como e onde nós poderíamos aplicar recursos de forma mais eficaz para a extensão do Reino de Deus por meio dos negócios?

A definição de Médias Empresas (ME) varia, mas a maioria aceitaria que um negócio com exigências moderadas de capitalização, que empregue talvez de 20 a 250 trabalhadores, seria uma descrição tipicamente aceitável; e esse é o caso aqui.

É fato que as MEs são a espinha dorsal de países economicamente saudáveis, sendo chamados de “desenvolvidos” ou “em desenvolvimento”. É incontestável e verdadeiro em qualquer parte do mundo, através de uma longa cronologia histórica, que países com ME vibrantes e numerosas tendem a experimentar um número de mudanças sócio-econômicas positivas.

Além dos relativamente grandes números de empregos criados, as ME também contribuem trazendo grandes segmentos da economia ao setor formal. Isso em troca contribui para a criação e crescimento de uma base tributária essencial na qual outros resultados desejáveis possa ser apoiados, como hospitais, escolas, rodovias e outra infraestrutura.

Há geralmente uma parceria desejada entre uma base sólida do contribuinte e o desenvolvimento de instituições participativas (democráticas) com justiça e um bom governo. Em contra partida, qualquer estado falido ou em falência (economicamente, socialmente, politicamente) irá apresentar sinais inconfundíveis de que o setor de ME esteja sendo combatido ou em grande parte ausente.

As Médias Empresas também parecem sair-se melhor em tempos de crise econômica, como relata “*O Economista*”:

Em contraste ao pessimismo vindo das grandes firmas Européias, muitas ME são cuidadosamente otimistas. A principal organização que reúne mais de 4 milhões de ME da Alemanha, prevê que as vendas de seus associados irá contratar por apenas 2% este ano. O renomado “Mittelstand” do país irá portanto superar a economia como um todo, a qual o governo espera que venha recuar em 6%. Uma pesquisa no mês passado de 804 médias empresas francesas descobriu que apenas um pouco mais da metade deles esperavam que sua receita fosse estável ou crescesse em 2009.

As Médias Empresas da Europa, definidas como firmas com menos de 250 empregados, empregam coletivamente 88 milhões de pessoas e representam dois terços do setor de emprego privado. Como as grandes empresas enviam trabalhos para fora do país no esforço de reduzir custos, as firmas menores estão se tornando cada vez mais importantes como empregadores domésticos. Apesar da maioria das Médias Empresas ser

de pequenas lojas de varejo, com pequena capacidade ou desejo de expandir, seu número também inclui firmas inovadoras de rápido crescimento que, se propriamente nutridas, poderiam se tornar as campeãs de amanhã.

Essas perspectivas precisam ser colocadas lado a lado aos esforços difundidos, com crescente popularidade e frequentemente inquestionáveis para promover a micro-empresa, tanto através de ONGs ou mesmo de interesses comerciais. A micro-empresa irá realmente ajudar as nações pobres a longo prazo? Como Bangladesh (conhecido como um país de micro-empresas) ainda pode ser endemicamente pobre e Taiwan (um país de Médias Empresas) ser rico?

O Professor Milford Bateman escreveu no *The Financial Times* sobre o perigo de micro-empresas como uma estratégia mais vasta, a longo prazo.

Simplificando, quanto mais as economias locais são intermediadas através de instituições de microfinanças, mais aquele país ou região ou localidade será esquecida em estado de pobreza e sub-desenvolvimento. Essa é uma “lei de ferro” de microfinança. Concentrar em casos isolados de sucesso de micro-empresas simplesmente não acrescentam ao desenvolvimento humano. A razão pela qual microfinança é mantida é majoritariamente política/ideológica - a lógica econômica simplesmente não é real.

O Professor Bateman contrasta Bangladesh com outras nações relativamente ricas, também na Ásia:

Os países do Leste da Ásia conseguiram se desenvolver de forma brilhante por meio da concentração da maioria, se não de todas as suas economias em sérios projetos de crescimento sustentável orientado.

Essa é a razão porque muitos países do Leste da Ásia podem ter iniciado em níveis de GDP semelhantes aos de Bangladesh nos anos 70, mas desde então tem ultrapassado Bangladesh de forma massiva em termos de crescimento e desenvolvimento.

*Economics 101* demonstra conclusivamente como economias são fundamentais ao desenvolvimento, mas apenas se intermediadas a projetos de melhoria no crescimento e produtividade.

Se tudo levar a riquixás, quiosques, 30 granjas de frangos, negociantes, e assim por diante, então aquele país simplesmente não irá se desenvolver ou sustentavelmente reduzir a pobreza.

O Doutor Peter Heslam, da Universidade de Cambridge comenta mais sobre o assunto: Alguns podem se perguntar se o empreendedorismo tem uma garantia Bíblica. Mas, se o empreendedorismo é inovação, julgamento e arriscar-se, figuras arquetípicas como Abraão, Jacó e Davi refletem, apesar de suas falhas, fortes características empreendedoras.

Ainda assim, o modelo primordial de empreendedorismo ocorre bem no princípio do Livro de Hebreus, onde as cortinas se abrem em um Deus que transborda em inovação, julgamento sábio e desejo de se arriscar - especialmente o risco de criar seres humanos e convidá-los para participar desde o início como mordomos da Terra.

Com base nessas razões, nós conclamamos a igreja e o movimento global BAM a enfatizar o cultivar e a capacitação de empreendedores e as Médias Empresas das quais tem se tornado mordomos.

## **A BAM é maior do que você pensa**

BAM é muitas vezes um termo complicado, mas é um conceito apropriado e uma práxis essencial. Mas BAM não é uma solução mágica; não é a principal estratégia. É, no entanto, um movimento global crescente de cristãos no mercado de trabalho que têm se perguntado: Como podemos moldar os negócios para servir pessoas, alinharmos aos propósitos de Deus, sermos bons mordomos do planeta e obter lucro?

A BAM não está tentando substituir a forma tradicional de servir Deus e pessoas entre as nações. BAM não é um método de arrecadar recursos. Nem se trata de adicionar algumas atividades da igreja nos negócios. Mas reconhece e compreende a importância da Responsabilidade Social Corporativa, RSC. Mas vai além disso: BAM é RSC+.

Nós estamos em missões em e através dos negócios. É por exemplo uma missão de justiça. Pode-se até dizer “Os Negócios como Justiça”. Este é outro termo que talvez nos ajude a entender a natureza holística e transformacional do BAM. Permita-me dar 12 exemplos breves.

A lista poderia ser mais longa, mas 12 certamente mostrarão que BAM não é somente fazer negócios com um toque de “igrejismo”.

### **1. Os Negócios como Justiça**

Deus ama a justiça e odeia a injustiça. Deus enviou profetas de tempos em tempos, para falar contra a injustiça e reinvidicando mudança e correção. A injustiça frequentemente se manifestou no mercado de trabalho: seja por corrupção, exploração no trabalho e abuso de pessoas vulneráveis como os imigrantes.

Buscar um negócio honesto e cuidar do empregado é um *Negócio como Justiça*. Tratar fregueses e fornecedores bem também é parte desta busca divina e honrada. *Os Negócios como Justiça* inclui lutar contra corrupção e suborno.

### **2. Os Negócios como Verdadeira Religião**

A verdadeira adoração é cuidar das viúvas e órfãos (Tiago 1:27). Esses são dois grupos vulneráveis que frequentemente são explorados no mercado de trabalho hoje. Traficantes de humanos frequentemente tem como alvo crianças sozinhas. Circunstâncias e pessoas astutas podem forçar viúvas à prostituição.

Estas são realidades em muitas partes do mundo. Quem oferecerá um futuro a órfãos e viúvas; dar-lhes um trabalho com dignidade; para que então eles possam sustentar a si mesmos e a outros? Isso seria *Negócios como Verdadeira Religião*.

### **3. Os Negócios como Shalom**

Shalom é um conceito bíblico dos relacionamentos bons e harmoniosos. Mas relacionamentos foram danificados e quebrados através da queda como está descrito

em Genesis no capítulo 3. Através de Cristo há um meio de restaurar o relacionamento com Deus, com o próximo, e com a criação.

Os Negócios baseiam-se muito em relacionamentos, com a equipe, colegas de trabalho, companheiros, fregueses, clientes, fornecedores, família, comunidade, autoridades fiscais, e demais. Como podemos como cristãos em negócios lutar pelo *Shalom*; *Os Negócios como Shalom*?

#### 4. Os Negócios como Mordomia

Cada ser humano tem sido capacitado com dons e talentos. Em negócios falamos sobre recursos. Mordomia é outro importante conceito bíblico. Como podemos usar o que temos para servir? O que significa mordomia quando possuímos e/ ou administramos um negócio?

Deus tem dado a algumas pessoas forte dons de empreendedor. Eles podem ser usados para Deus e para o bem comum dos negócios. É o mesmo que dons gerenciais ou dons de contabilidade ou vendas. Devemos encorajar pessoas com habilidade para negócios a serem bons mordomos - *Negócios como Mordomia*.

#### 5. Os Negócios como Liderança-Serva

Jesus veio para servir. Ele foi um exemplo de liderança boa e divina. Muitos livros foram escritos neste tema e indicam a importância desta conceito de liderança serva.

Fazer negócios como para o Senhor significa que nós também exploramos o que liderança serva significa no contexto dos negócios. Não é uma forma simples ou um método igual a outros. Ele pode parecer diferente em diferentes indústrias e culturas.

Mas a chave do princípio subjacente é servir pessoas, comunidades, nações, e Deus. Nós somos frequentemente lembrados sobre a falta de boa liderança em negócios mundiais. *Negócios como Liderança Serva* é mais do que necessário.

#### 6. Os Negócios como Dignidade Humana

Cada pessoa nesse planeta foi criada à imagem de Deus. Todos nós temos valor e dignidade ligados ao Criador. Ele nos criou para sermos criativos, e criar coisas boas para outros e para nós mesmos. Criar é algo profundamente humano e divino; é uma parte intrínseca da dignidade humana.

“Dar emprego às pessoas é um ato divino.”

Este processo de criatividade, e desta maneira, de dignidade humana, tem sido parcialmente quebrado, mas há poder para restauração através de Jesus Cristo.

Estar desempregado não é um pecado, mas a falta de emprego e a incapacidade de trabalhar e sustentar a si mesmo e a família, é uma consequência da queda. É uma perda da dignidade humana. Colocar as pessoas pra trabalhar, prover serviços com dignidade é um ato divino - isto é *Negócios como Dignidade Humana*.



## 7. Os Negócios como Reconciliação

O apóstolo Paulo escreve que nós somos agentes de reconciliação. Relacionamentos quebrados e conflitos são comuns, até mesmo no mercado de trabalho. Nós também testemunhamos a tensão e a violência entre grupos étnicos e religiosos. Os negócios podem prover um fórum para reconciliação? As pessoas de negócios podem intermediar divisões étnicas e religiosas?

Existe uma longa e muitas vezes violenta história de desconfiança e tensão severa entre muçulmanos e cristãos na Indonésia. Mas eu já em primeira mão como empresários cristãos chineses na Indonésia têm mudado a dinâmica inter-étnica e transformado relacionamentos inter-religiosos por meio fazer negócios intencionalmente como justiça, mordomia, shalom, liderança serve e demais.

Este capítulo iniciou-se com uma história ou estudo de caso. Como embaixadores de Deus, podemos ser pessoas de negócios em missões para fazer Negócios como Reconciliação.

## 8. Os Negócios como Cuidado com a Criação

Durante os dias da criação Deus fez uma avaliação diária; Ele exerceu um controle de qualidade nos produtos produzidos. Seu veredito foi “estes são bons”. Ele também nos tem confiado o sermos mordomos da criação. Como Deus, nós podemos nos alegrar em sermos criativos na arena física e produzir produtos e serviços que são bons para pessoas e a criação. Este é o primeiro mandamento bíblico que temos - ser criativos e trabalhar, também nos negócios mundiais.

A importância de negócios conscientes com o meio ambiente estão incluídos na linha básica tripla, buscando ter um impacto positivo economicamente, socialmente e ambientalmente. Lucro, pessoa, planeta.

Na visita ao sul da Ásia em 2012, eu conheci um casal que está trabalhando como consultor administrativo para grandes empresas de fabricação. Este casal tinha uma clara missão BAM, e foram capazes de ajudar estas empresas a se tornarem mais lucrativas, melhorar as condições de trabalho, economizar energia e limpar enormes quantidades de água. O acesso à água limpa e sua preservação são um dos maiores desafios que enfrentamos mundialmente. *Os Negócios como Cuidado com a Criação* é essencial.

## 9. Os Negócios como Amor ao seu Próximo

O segundo mandamento nas Escrituras é o grande mandamento e inclui o “amar seu próximo como a si mesmo”. Nós sabemos que os negócios podem e deveriam servir pessoas e suprir várias necessidades. Por exemplo: o desemprego é uma das maiores causas determinantes de desnutrição e fome, desabrigados, tráfico humano, doenças e acesso limitado a tratamento médico, como também dívida e crime. Prover emprego a pessoas é algo que traz alívio e prevenção dessas condições terríveis.

A administração dos recursos humanos (um termo que parece impessoal e técnico pra mim) deveria ser uma expressão de amor ao seu próximo. Levar em consideração o ambiente físico de nosso próximo enquanto administramos os negócios também é uma

parte desta responsabilidade. RSC não é portanto uma coisa nova; está baseado em princípios bíblicos.

Nós também podemos estudar e aprender da história. Por exemplo, os Quakers na Inglaterra e Hans Nielsen Hauge na Noruega foram agentes de transformação holística através dos negócios há alguns séculos atrás. Ele fizeram *negócios como Amor ao Seu Próximo*.

## 10. Os Negócios como Grande Comissão

O terceiro mandamento bíblico é a impulsão centrífuga global: para todos os povos, todas as nações. Este é o maior tema no movimento global BAM. Como podemos servir em e através dos negócios, no poder do Espírito Santo, “em Jerusalém, e em toda Judeia e Samaria, e até os confins da terra”?

BAM é ser seguidor de Jesus, em negócios e para o mundo inteiro, especialmente em áreas com terríveis necessidades econômicas, sociais e espirituais.

Este é o RSC+ e esta dimensão não é opcional. Nós queremos ver o Reino de Deus demonstrado entre todos os povos. Isto é *Negócios como Grande Comissão*.

## 11. Os Negócios como Corpo de Cristo

Deus chama e equipa algumas pessoas para os negócios. Nós precisamos afirmar e encorajar pessoas de negócios a exercer seus chamados com profissionalismo, excelência e integridade. Martin Lutero coloca isso da seguinte forma:

“Um sapateiro, um ferreiro, um fazendeiro, cada um tem seu trabalho e função em seu comércio, e eles são todos consagrados sacerdotes e bispos, e cada um por meio de seu próprio trabalho ou função deve beneficiar e servir o outro, para que desta maneira muitos tipos de trabalho possam ser feito para o bem-estar corporativo e espiritual da comunidade, assim como os membros do corpo servem um ao outro.”

## 12. Os Negócios como Glorificação a Deus

BAM é o acróstico para *Negócios como Missão*. Outro acróstico relevante é AMDG. A maior base de *Negócios como Missão* é AMDG - *ad maiorem Dei gloriam* - para a glória maior de Deus.

*Mats Tunehag* é um consultor, palestrante e escritor freelance da Suécia. ([www.MatTunehag.com](http://www.MatTunehag.com)) Ele tem trabalhado em cerca da metade dos países do mundo, desenvolvendo alianças estratégicas globais para várias representações, inclusive *Negócios como Missões*.

Ele é um associado sênior no BAM para o Movimento Lausanne e a Comissão de Missões da Aliança Evangélica Mundial. Tunehag iniciou e liderou o primeiro grupo de reflexão global em *Negócios como Missões (BAM) 2002 - 2004*, e hoje é co-presidente do segundo grupo de reflexão no BAM. ([www.BAMthinktank.org](http://www.BAMthinktank.org)) . Ele também serve junto a um fundo de investimento global baseado em valores cristãos que ajuda *Médias Empresas no Mundo Árabe e Ásia a crescer em tamanho, rentabilidade e impacto holístico*.

Tunehag também é um conferencista internacional sobre *Liberdade Religiosa para a Aliança Evangélica Mundial*. Ele serve no Conselho Global de Advogados Internacionais, uma rede global de 30.000 advogados em mais de 120 países. Ele tem ministrado palestras para advogados na Europa, América Latina e aliados, moldando a opinião pública e legislação. Ele escreveu editoriais sobre assuntos internacionais por 10 anos para um jornal nacional na Suécia.

## Notas

1. *Centesimus annus*, 1991.
2. Clifton, J., *The Coming Jobs War*, New York: Gallup Press, 2011.
3. *The Economist*, 10 Setembro 2011.
4. *Laborem Exercens*, 1981.
5. [www.europeanfreedomnetwork.org](http://www.europeanfreedomnetwork.org)
6. Veja [www.BAMThinkTank.org](http://www.BAMThinkTank.org)
7. Esta parte sobre *Médias Empresas e microempresas* é extraído do artigo que eu co-escrevi com Peter Shaukat em 2009, aqui denominado “Think beyond micro”.
8. Maio 21, 2009.
9. 26 de Dezembro de 2008.
10. Uma Carta Aberta para a Nobreza Cristã.